

## O FACEBOOK COMO UMA TERRITORIALIDADE DA MORTE: VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>

**Heryck Luiz Jacob SANGALLI<sup>2</sup>; José Antonio MARTINUZZO<sup>3</sup>**

A morte é percebida e narrada de acordo com o tempo de seu registro enquanto fato. Neste aspecto, há a questão cultural, ou seja, marcada pelos costumes e valores. Em nossa época, em que as tecnologias digitais fazem parte do cotidiano, podemos agregar outro *locus* de aparecimento da morte, as redes sociais na internet. Nesse espaço digital, a experiência do fim da vida é atualizada freneticamente de acordo com o contingente informacional.

Neste artigo, veremos como a experiência de morte é atualizada ao cotidiano de sociabilidade das redes sociais digitais. Especificamente, nosso objeto de análise será a página no Facebook Cemitério Jardim da Ressurreição. A referida página satiriza a morte em suas postagens. A partir desse objeto, analisaremos as publicações e os comentários que circulam no ambiente de sociabilidade e territorialidade do Facebook. Como base para tanto, o percurso teórico fará uma breve pontuação histórica acerca da morte no decorrer das épocas; esmiuçará a constituição das redes sociais na internet como um âmbito de territorialidade e de sociabilidade; e finalizará com o estudo de caso.

O nosso objetivo é relacionar a morte com uma das motrizes de nossa época, as redes sociais na internet, local democrático onde o usuário tem a liberdade de ser o criador de seu próprio conteúdo. Moraes (2013) reflete sobre isso ao dizer que os usuários de internet "[...] têm chance de atuar, simultaneamente, como produtores, emissores e receptores de ideias e conhecimentos [...]" e têm também "[...] a seu dispor ferramentas para divulgar o que desejam, além de poder interagir ou compartilhar" (p. 104). Outra pontuação acerca dessa perspectiva é a do sociólogo espanhol Manuel Castells (2015), ao falar em

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Eixo Temático 09 – Redes Sociais / Sociabilidade do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> Mestrando de Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), graduado em Comunicação Social (UFES). Pesquisador nos grupos de pesquisa Laboratório de Comunicação e Cotidiano (ComC) e Sociedade Midiatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas. E-mail: jacobsangalli@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Doutor no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Lidera os grupos de pesquisa Laboratório de Comunicação e Cotidiano (ComC) e Sociedade Midiatizada e Práticas Comunicacionais Contemporâneas. E-mail: martinuzzo@hotmail.com.

"autocomunicação de massa" feita pelos usuários da internet. Logo, nesse espaço democrático, a morte também pode ser vivenciada a bel prazer de alguns cliques.

Para articularmos nosso tema central ao contexto das redes sociais, buscamos referências e proposições em autores como Ariès (2012), Elias (2001), Freud (1996), Morin (1970), Rezende (2016) e Rodrigues (1983). Já a se tratar do ciberespaço como um local democrático ao usuário, que tem a liberdade de construir vínculos de sociabilidade, bem como a gerar experiência a partir daquele território, buscamos asserções em autores como Recuero (2009 e 2014), Lévy (2000), Castells (2015), Moraes (2013), Martinuzzo (2016), Haesbaert (2011), Santos (2011) e Saquet (2008).

Na Grécia Antiga, antro da mitologia grega, observamos que a morte era personificada na figura de *Tânatos*, que teria coração de ferro e entranhas de bronze. Segundo Goldberg e D'ambrósio (1992, p. 29), foi gerada por *Nix* (Noite) e é irmã de *Hipnos* (Sono). Além disso, os gregos deste período a representavam "[...] sob a figura de uma criança de cor preta, com os pés tortos, acariciada pela Noite ou, ainda, com o rosto desfeito e emagrecido, coberto por um véu, os olhos fechados, e com uma foice na mão" (PUGLIESI, 2005, p. 158).

A concepção grega sobre a mortalidade e a imortalidade do homem foi fundamental para a construção da mitologia e, por conseguinte, da Filosofia. A pensadora alemã Hannah Arendt, em *A condição humana*, mostra que os gregos se ocuparam com pensar a mortalidade frente ao ambiente no qual se inseriam: de uma natureza imortal e de deuses imortais. À época, essas crenças circundavam as vidas individuais dos homens mortais. Arendt (2009) reflete tal preocupação ao dizer:

[...] Inserida num cosmo onde tudo era imortal, a mortalidade tornou-se o emblema da existência humana. Os homens são "os mortais", as únicas coisas mortais que existem porque, ao contrário dos animais, não existem apenas como membros de uma espécie cuja vida imortal é garantida pela procriação. A mortalidade dos homens reside no fato da vida individual, com uma história vital biológica. [...] É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move o faz num sentido cíclico. (ARENDR, 2009, p. 27)

O historiador francês Philippe Ariès defende a importância em se analisar as representações do fim da vida como uma forma de comunicação, e conclui que "[...] a morte não é apenas um tema de reflexão, é uma linguagem, um meio de dizer outra coisa" (ARIÈS, 2012, p. 158).

Sob uma perspectiva arqueológica da morte, Paul Veyne nos remete ao início do Império Romano ao comparar a publicidade contemporânea aos túmulos da época, erguidos à beira da estrada. Veyne (2009) diz que logo ao cruzar a porta da cidade, "[...] o viajante passava entre duas fileiras de sepulturas que procuravam chamar-lhe a atenção. A tumba não se dirige à família, ou aos próximos, mas a todos" (VEYNE, 2009, p. 156).

Já Ariès faz uma pertinente comparação entre a morte na Era medieval e na Era pós-moderna. O autor reflete que, no Medievo, a morte era *domada*, por ser vivenciada no interior da casa e ser compartilhada com os familiares e amigos. Já nos tempos hodiernos, a morte se torna *selvagem* no momento em que é relegada do cotidiano de vivência, ao passo que se torna um interdito, sendo somente os hospitais o seu local ideal.

No entanto, a partir das redes sociais digitais, que são, para Recuero (2014, p. 16) "[...] as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais" – isso no território do ciberespaço –, observamos que a morte ganha outro *locus* para ser vivenciada, como no Facebook.

Rezende (2016) também defende que a morte faz parte do cotidiano midiaticizado das redes sociais digitais. A autora observa como os relatos de morte no ciberespaço atualizam as experiências do fim da vida criando memória e narrativa.

Ao pensarmos o Facebook como um território, resgatamos as pontuações basilares do geógrafo brasileiro Milton Santos. O autor refere-se ao território não apenas como uma superposição de sistemas naturais e de coisas criadas pelo homem, mas, sobretudo, nas belas palavras do geógrafo brasileiro: "[...] O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence" (SANTOS, 2011, p. 77). Ou seja, o uso do território pelo ser humano é o que origina a territorialidade.

Ao analisar a estrutura da palavra "territorialidade", Martinuzzo (2016, p. 10) observa que "[...] o sufixo 'dade', aposto a um adjetivo – no caso, territorial + dade –, forma um substantivo que indica situação, condição, estado". Acerca desse pensamento, o autor esclarece que a territorialidade remete às ordens de vivência, experiência, circunstância e organização em determinado território (MARTINUZZO, 2016, p. 10).

À ótica do desenvolvimento tecnológico informacional, junto ao território e sua utilização, Martinuzzo (2016) conceitua a existência de infoterritórios e infoterritorialidades. Os infoterritórios são constituintes de uma extensão simbólico-cognitiva construída de forma

comunicacional, em que há a utilização de interfaces midiáticas em redes de mídia *on* e *off-line*, bem como a presença de fluxo de conteúdos informacionais (MARTINUZZO, 2016, p. 12).

Já as infoterritorialidades são concretizadas por meio de acessos, produção e compartilhamento daquilo que nos afeta simbolicamente no âmbito informacional. Além disso, nessa perspectiva há "[...] uma extensão significativa de alianças e pertencimentos socioeconômicos e político-culturais midiáticos" (MARTINUZZO, 2016, p. 13).

Nossa pesquisa se justifica a partir da importância em refletir como um tema considerado interdito (ARIÈS, 2012), a morte, é representado em um ambiente em que o usuário é livre para criar e compartilhar o que quiser. Além disso, buscou-se verificar *in loco* como a morte é abordada.

**Palavras-chave:** morte; Facebook; infoterritorialidade; sociabilidade; redes sociais.

### Referências bibliográficas

ARENDETT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Comunicação*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOLDBERG, J. P.; D'AMBROSIO, O. *A chave da morte*. São Paulo: Maltase, 1992.

HAESBAERT, Rogerio. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. 6. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2011.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MARTINUZZO, José Antonio. Territorialidade: o que é isso? In: MARTINUZZO, J. A.; TESSAROLO, M. (Org.). *Comunicação e Territorialidades: as pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo*. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, 2016.

MORAES, Denis de (Org.). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Ed. Boitempo, 2013.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1970.

PUGLIESI, Márcio. *Mitologia greco-romana: arquétipos dos deuses e heróis*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2005.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REZENDE, Renata. *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Niterói: Eduff, 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada*. Vol. 1: *do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.